

Um voto no populismo

Publicação: [O Mundo em Português Nº59](#)

Data de Publicação: Agosto/Setembro de 2005

Autor: Roxane Farmanfarmaian

Um dos melhores indicadores de uma democracia genuína é o resultado de um acto eleitoral muito disputado permanecer incerto até ao fim. Nesta medida, as eleições presidenciais no Irão, nas quais o presidente da câmara de Teerão, Mahmoud Ahmadinejad, ganhou por 61% dos votos, numa disputa com o candidato governamental Ali Akbar Hashemi Rafsanjani, demonstrariam que o país é uma democracia próspera. Nas mais disputadas eleições desde o início da República Islâmica, em 1980, o Irão demonstrou ser um país cujos cidadãos, tanto urbanos como rurais, levam o seu voto a sério. Com uma participação de 59% nos duas voltas, as acusações feitas por analistas externos de descontentamento generalizado com o regime, ou os apelos internos ao boicote feitos pelos liberais, revelaram-se infundadas. Com as duas voltas, a população concedeu um forte mandato a um conservador populista, mais conhecido pela sua retórica igualitarista e pela plataforma anti-corrupção do que pelo seu interesse ou experiência em questões internacionais.

Como o seu antecessor, Mohammad Khatami, igualmente pouco conhecido quando venceu nas eleições de 1997, Ahmadinejad é um populista que apela a largas franjas do eleitorado das classes baixa e média e às periferias rurais. Ao contrário de Khatami, porém, é o primeiro laico a ser eleito desde Abolhassan Bani-Sadr, o primeiro Presidente da República (1981). Rotulado, dentro como fora do Irão, como seguidor da linha dura e radical conservador, o novo presidente ganhou o escrutínio com base no seu desempenho enquanto presidente da câmara, na sua convicção religiosa e na forma de viver simples – características apelativas para uma população farta de corrupção e das lutas internas que caracterizaram a política iraniana nos últimos 12 anos. Ao contrário do antigo presidente Rafsanjani, vice-presidente do Conselho de Especialistas (que nomeia o Líder Supremo do Irão) e presidente do Conselho de Discernimento (que aconselha o Líder Supremo em caso de conflito entre o Parlamento e o Conselho de Guardiães, o órgão supervisor do governo), Ahmadinejad é muito mais um outsider, um professor universitário que, enquanto presidente da câmara, melhorou Teerão e liderou um governo municipal transparente.

A sua imagem de homem comum, muito à semelhança de Hugo Chavez, na Venezuela, mais do que qualquer traço ideológico, desempenhou um grande papel na sua eleição, num país em que a ostentação e a simpatia em relação a qualquer agenda externa ainda faz recordar a monarquia de Palevi e a sua dependência política e económica do Ocidente. O seu website – Mardomyar – significa literalmente «amigo do povo». Para os iranianos, mesmo os mais novos, representa pontos essenciais da identidade iraniana: honestidade religiosa, orgulho nacional perante o mundo e o pragmatismo para lidar com as questões económicas mais prementes. Declarações como as de Condoleezza Rice, que afirmou «não vejo as eleições iranianas como uma tentativa séria de colocar o Irão mais perto de um futuro democrático» ou que «as eleições iranianas não podem ‘mascarar’ a crueldade organizada do estado teocrático iraniano» podem bem ter contribuído para a elevada participação eleitoral. Os iranianos viram as eleições como uma oportunidade de demonstrar visões diferentes, e votaram também como forma de demonstrar o seu apoio ao seu governo islâmico.

A grande participação fornece outras pistas. Primeiro, demonstra que existe um debate político animado no Irão, com visões diferentes sobre o próprio desenvolvimento do processo democrático. O debate provocado pelas eleições revelou até que ponto os políticos estão de facto mergulhados na via «reformista», com todos os candidatos a apresentarem-se como mais moderados, mais modernos, e mais atentos ao eleitorado do que em anteriores eleições. Enquanto a votação decorria, as ruas encheram-se de apoiantes dos diferentes campos, sem incidentes violentos. Acusações de fraude, que foram imediatamente divulgadas pela imprensa estrangeira, nunca foram de facto feitas por qualquer um dos candidatos. Mesmo assim, os funcionários do Ministério do Interior tomaram-nas em consideração e recontaram aleatoriamente os votos em urna, um pouco por todo o país.

Uma análise mais cuidada prova que as diferenças ideológicas entre os candidatos são menores do que poderia parecer à primeira vista (com Ranfsanjani a oferecer um subsídio aos pobres, por exemplo, e Ahmadinejad a prometer uma diferente distribuição dos rendimentos do petróleo, para garantir uma maior paridade). Nenhum candidato sugeriu alterações de fundo na Constituição, na relação com os Estados Unidos, ou no programa nuclear. Os candidatos mais reformistas prometeram continuar as reformas económicas e melhorar o respeito pelos direitos humanos, mas nem mesmo os candidatos mais conservadores negaram a importância destas questões nem sentiram necessidade de as abordar em detalhe. Assim, a corrida foi muito mais sobre valores do que sobre questões concretas, mais sobre a imagem do Irão, tanto interna como externa, do que sobre programas de mudança ou de continuidade.

Segundo, as eleições revelaram que as perspectivas da população, de uma forma geral, diferem muito das que são apresentadas pela maioria dos analistas estrangeiros, que vêem o regime como sendo pouco representativo, ineficiente e duro. Pelo contrário, o acto eleitoral revelou que a população apoia a agenda nacionalista/islamista levada a cabo pela actual liderança e aprova que as reformas e a modernização ocorram dentro dos parâmetros estabelecidos pelo regime. Neste sentido, a eleição de Ahmadinejad é um voto no status quo. Os seus antecedentes como membro do corpo de elite Pasdaran, a milícia nacional islâmica que ainda tem laços fortes com o Líder Supremo Ali Khamenei, e o seu envolvimento com o movimento estudantil que deu origem ao grupo que ocupou a embaixada americana, em 1979, marcam-no como estando em sintonia com a actual liderança conservadora, sendo pouco provável que embarque no tipo de atitudes que marcaram o mandato de Khatami. As suas declarações de apoio ao programa nuclear iraniano apontam para que pouco faça para mudar a actual política do Irão em relação à questão que mais preocupa o Ocidente.

Por outro lado, as suas declarações enquanto presidente da câmara de que o governo tem mais que fazer do que preocupar-se com a indumentária feminina (apesar de exigir aos homens o uso de barba e de mangas compridas) e a importância que dá a uma governação honesta e ao aumento do emprego indicam que pode levar a cabo mudanças a partir de dentro, com pouca pompa externa. Este tipo de acção cairia bem no seio dos jovens e radicais parlamentares, conhecidos como New Wall Streeters, que desejam a mudança, dentro do sistema islâmico, nos sectores financeiro e de regulação, por forma a aumentar as oportunidades de investimento – e logo, a posição económica do país. Apesar de Ahmadinejad não ter, até ao momento, revelado as suas escolhas para o gabinete, é sabido que tem contactos estreitos com Gholam Ali Haddad-Adel, o porta-voz do Parlamento, um conservador moderado conhecido pela sua capacidade de negociar bem com conservadores e reformistas.

Apesar de Hashemi Rafsanjani ter sido visto pelo mundo como um moderado, um político experiente e capaz de levar o Irão para mais perto do Ocidente, dando mais liberdades internas, as alegações de enriquecimento pessoal e de provável apoio ao terrorismo ficam aquém dessas expectativas. Resta ver se uma personalidade vista como humanamente mais moderada também o pode ser politicamente. Tal como qualquer outro presidente, também Ahmadinejad, para permanecer no poder, tem que demonstrar resultados.